



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

Ata n.º 23

8.ª Sessão extraordinária da Assembleia Municipal de Portalegre, realizada em 25 de abril de 2020

Aos vinte e cinco dias do mês de abril do ano dois mil e vinte, nesta cidade de Portalegre e no auditório do Centro de Congressos da Câmara Municipal, reuniu excepcionalmente a Assembleia Municipal de Portalegre.

Presencialmente estiveram os membros: Luís David Trindade de Moreira Testa, Ricardo Jorge da Costa Trindade Palmeiro Romão, Maria da Conceição Ceia Miranda, Adriano Dias Pedro, Amândio José Valente e Valente, Fernando António Rebola, José Pinto Leite, Maria do Rosário Palhas Narciso, Cristiana Mafalda Silveira Camejo, Carla Lucinda Raposo Mocito, João Pedro Meira, João Manuel Batista Vivas, Henrique Manuel Esteves Santinho, Jaime Alexandre da Silva Fitas e Francisco José Meira Martins da Silva;

Online e acompanhando a sessão, foram registadas as seguintes presenças:

Hugo Chichorro e Silva Capote, Joaquim Francisco da Silva Barbas, Miguel Alexandre Ferreira Monteiro, Sílvia Maria Pinheiro Miranda Relvas, Luís Miguel Crespo Carvalho, João Manuel Ribeiro Realinho, Rosa Maria Vieira Correia Pinheiro, José Cordas Barradas, Diogo Júlio Cleto Serra, Ana Catarina Vilhais, Luís Miguel Ricardo, Bruno José Marchão Calha e Francisco Manuel Frutuoso Carriço. -----

O presidente da Assembleia Municipal, Luís Testa, declarou aberta a sessão solene alusiva às comemorações do dia 25 de abril – “Dia da Liberdade”, eram 16H00.

Após cumprimentar todos os presentes, disse que aquela sessão evocativa decorria de forma diferente, mas com o espírito de sempre: com o objetivo de assinalarem uma data histórica.

Posto aquilo, deu a palavra aos representantes de cada grupo político, para que se pudessem dirigir aos Portalegenses e promover o espírito de Abril. -----

No uso da palavra, Cristiana Camejo, em representação do Partido Social Democrata (PSD), proferiu a seguinte intervenção:

“Hoje, a democracia em Portugal celebra 46 anos, a comemoração desta data é uma responsabilidade e dever de todos os portugueses, prestando homenagem a todos aqueles que lutaram para devolver a liberdade ao povo português, mudando a vida de cada português.

O dia de hoje marca a saída de um regime ditatorial e autoritário. Celebrar este dia significa também celebrar o regime democrático em que vivemos atualmente graças às revoluções de abril de 1974 e de novembro de 1975.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

Em Portugal, existe um antes e um depois do 25 de abril de 1974, sou grata por ter nascido num país em que se respeita a liberdade individual e dignidade de cada cidadão, garantindo os seus direitos e liberdades fundamentais.

Com a revolução dos cravos conquistámos o acesso à saúde para todos os portugueses através do serviço nacional de saúde.

Com a revolução dos cravos democratizámos a educação.

Com a revolução dos cravos conquistámos a liberdade de expressão e pensamento, sem censura e sem perseguições.

Com a revolução dos cravos instituímos um salário mínimo nacional, o subsídio de desemprego e o pagamento de pensões sociais.

Com a revolução dos cravos conquistámos o acesso ao emprego, à escolha da profissão, o acesso a quaisquer cargos ou categorias profissionais sem distinção pela idade, género, raça, cidadania, religião, convicções políticas ou ideológicas.

Com a revolução dos cravos instituímos o direito à greve e à manifestação, e também à criação de associações sindicais, possibilitando a negociação de contratos coletivos de trabalho.

Com a revolução dos cravos conquistámos uma redução no tempo semanal de trabalho e dois dias de descanso.

Com a revolução dos cravos conquistámos o direito a férias com o pagamento dos respetivos subsídios e o acesso a licenças como a de maternidade e a de paternidade.

Com a revolução dos cravos conquistámos eleições livres e justas. Eu, e todas as mulheres portuguesas, temos hoje direito a votar, independentemente do nosso nível de escolaridade ser o ensino secundário ou superior.

Com a revolução dos cravos conquistámos a independência da justiça, bem como diversas alterações legislativas posteriores que possibilitaram que as mulheres portuguesas viagem para fora do país sem a autorização do marido, que possibilitaram o divórcio e que aboliram o direito dos maridos de abrir correspondência a elas dirigida.

Ao longo dos últimos anos, os governos constitucionais garantiram um estado social e igualdade de oportunidades para todos, construindo assim um país em que não importa a identidade, a família ou o território de origem.

Os jovens portugueses da minha geração sempre viveram num país com liberdade, contudo não podemos esquecer que o nosso país nem sempre foi assim, as conquistas de abril devem ser lembradas todos os dias. Não podemos prescindir da nossa liberdade, devemos lutar pela manutenção e proteção destas conquistas, evitando qualquer tipo de retrocesso.

Caros Portalegrenses, este ano devido à situação que vivemos, não temos nem convidados, nem público presente nesta sessão. No entanto, hoje, apesar de garantida a distância de segurança entre todos os participantes, a higienização prévia deste local, a distribuição de máscaras de proteção e de outro tipo de proteções a cada um dos membros, e a limitação de presenças, estão reunidas nesta sala de congressos várias pessoas, o que temos vindo a evitar para cumprir o isolamento e distanciamento social. Não seria a solução inicialmente prevista com recurso a



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

gravação prévia das intervenções mais justa e menos geradora de possíveis sentimentos de revolta?

É que nestes últimos dois meses, todos os portugueses viram as suas liberdades limitadas na comemoração de datas especiais como aniversários, nos festejos da Páscoa, na visita e acompanhamento a familiares doentes internados em hospitais, na visita a idosos em lares, ou nas cerimónias fúnebres dos seus entes queridos, para garantir mais segurança.

A reflexão que quero partilhar convosco é sobre a relação entre dois dos principais valores fundamentais das sociedades democráticas, a liberdade e a segurança. Estes dois valores são dependentes entre si, não há liberdade sem segurança, nem segurança sem liberdade.

A relação entre liberdade e segurança pode ser descrita como uma dicotomia, uma luta contínua, ou uma escolha difícil. A discórdia diminuiria se fosse possível satisfazer em simultâneo os desejos individuais e as exigências sociais, o que não se verifica. Na nossa vida são tão imprescindíveis as liberdades para agir de acordo com os nossos impulsos e inclinações, quanto as restrições que nos são impostas por questões de segurança.

Viver em segurança sem liberdade é uma escravidão, enquanto que a liberdade sem segurança despoleta o caos, a desorientação e uma incerteza perpétua. Ambas permanecerão irreconciliáveis para sempre. O que nos tem sido pedido ultimamente é a renúncia de uma parte considerável da nossa liberdade, ainda que isso seja causa de sofrimento e angústia, em troca de um aumento da segurança. Este é um caso da prevalência dos interesses e valores coletivos sobre as liberdades individuais. Espero que todas as restrições que nos têm sido impostas, levem a um regresso à normalidade mais rápido, ao regresso aos nossos locais de trabalho, à recuperação dos rendimentos para aqueles que viram os seus salários reduzidos pela suspensão da atividade das empresas, à reinserção no mercado de trabalho a todos aqueles que perderam os seus empregos.

Sinto que no nosso concelho há ainda muito por cumprir das promessas de abril: Queremos mais desenvolvimento, mais investimento, mais emprego, mais oportunidades para os jovens, mais e melhores acessibilidades!

Não podemos deixar de agradecer a todos quantos, apesar dos riscos a que estão expostos diariamente, continuam a trabalhar de forma corajosa e com sentido de missão, como é o caso dos profissionais de saúde, das forças de segurança, dos serviços de socorro, das forças armadas, dos trabalhadores dos serviços públicos, e dos demais serviços considerados essenciais.

Para finalizar, uma palavra de congratulação a todos os voluntários e empresas que contribuíram e doaram material de proteção e ventilação ao nosso hospital distrital, ao Instituto Politécnico de Portalegre que, com o apoio da Escola Secundária Mouzinho da Silveira e de empresas, produziu e entregou viseiras de proteção facial à ULSNA, e a todas as empresas que perante esta crise se reinventaram, adaptaram as suas atividades e produções, e inovaram para sobreviver e manter os postos de trabalho.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

Que sejamos sempre livres, que nunca esqueçamos o nosso passado!
Que comecemos a nossa liberdade todos os dias e não apenas hoje!”

No uso da palavra, Amândio Valente, em representação da Coligação Democrática Unitária (PCP/PEV), proferiu a seguinte intervenção:

“Em respeito e memória:

Permitam-me, antes de iniciar a minha intervenção, saudar e lembrar os homens e as mulheres de abril, herdeiros da memória das últimas décadas da história nacional e regional que, por contingência, não podem estar presentes. Permitam-me, também, evocar a memória dos que partiram neste último ano, cidadãos livres no pensamento e na ação, e em seu nome, lembro, aqui e solidário, José Mário Branco e Ruben de Carvalho.

A importância de evocar e comemorar o 25 de abril é um exercício de liberdade e cidadania. A sua evocação é um sinal de respeito e gratidão aos militares e a todos os resistentes, cidadãos que lutaram pela liberdade e pela democracia, em que vivemos. (em que vivemos e devemos prezar)

E aqui estamos, porque rimam as palavras: dignidade e liberdade.

Uma liberdade com o sabor de uma conquista. Recordando versos do poeta e escritor Miguel Torga:

“Livre não sou, que nem a própria vida Mo consente. Mas a minha aguerrida Teimosia É quebrar dia a dia Um grilhão da corrente.”

Evocar o 25 de Abril! Com os trabalhadores do município de Portalegre, de todos os sectores, que asseguram a qualidade de vida no nosso quotidiano. Com todos os serviços públicos que continuam a trabalhar.

O agradecimento a todos os trabalhadores da administração pública, local e central.

Evocar e reforçar a solidariedade a todos os trabalhadores, em diferentes sectores, do concelho de Portalegre, que continuam a assegurar o funcionamento das instituições, a assegurar a produção, mas que estão a ser atingidos pelo desemprego, por cortes de salários, por aumentos e desregulação de horários.

Evocar a resistência dos comerciantes do concelho, na defesa do comércio tradicional, de proximidade e de venda dos produtos dos pequenos produtores, que tentam contrariar os grupos da grande distribuição que, tenazmente, no contexto que vivemos, tentam esmagar o pequeno comércio.

Aos pequenos produtores que têm dificuldade de escoamento da produção, em consequência do controlo de grandes grupos económicos/financeiros, que definem uma estratégia ruinosa de preços

No dia 25 de abril de 1974, tinha eu onze anos, na longínqua memória de 46 anos, lembro-me da agitação na Escola Preparatória Cristóvão Falcão. Logo de manhã, as aulas foram interrompidas pelas notícias da rádio e, incrédulos, nesta cidade do interior, alunos e professores deslocavam-se para um lado e para outro, sem sentido aparente. Uns espantados outros receosos.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

Diria que, a partir desse ano, a minha entrada no 25 de abril, vivido na doce liberdade, se dá em três pilares fundamentais:

- Pelo contexto familiar que me auxiliou na interpretação dos momentos que se viviam, uma base política, cultural e social para a compreensão dos movimentos sociais que ocorriam;
- Pela participação, muito jovem, na assunção da palavra e do poder que era dado aos operários da cidade, e pelos movimentos que ocorriam nos campos do Alentejo, na utopia de uma mais justa distribuição da terra e da sua riqueza;
- Pela participação no movimento cultural pós 25 de abril, com uma ação popular, contextualizada em território urbano e rural. Na vida associativa, desde logo na Escola Cristóvão Falcão, depois no Liceu Nacional de Portalegre, posteriormente Escola Secundária Mouzinho da Silveira.

Desde esses tempos, não mais abdiquei do poder que dispunha para participar de forma crítica, solidária e utópica, que não irreal. A utopia é uma linha no horizonte que não devemos perder de vista e caminhar, sempre.

Passaram 46 anos e muito se avançou na democracia em Portugal, também é verdade que ocorreram períodos mais sombrios, de recuo nos valores da solidariedade, da participação e de crença na capacidade dos portugueses construírem o seu futuro

No âmbito das comemorações do 25 de abril em Portalegre, tinha feito a minha última intervenção pública, em 2012, nesta sala, em tempos difíceis. As coincidências da vida colocaram-me, de novo, nesta humilde posição.

Optei pelo caminho da esperança. É o tempo de valorizar o que abril trouxe.

Desde logo, e pela força do momento que vivemos, o Serviço Nacional de Saúde. O grande instrumento de defesa da saúde e da vida dos portugueses que está a comprovar, plenamente, a sua importância no momento que estamos a atravessar.

Não fosse o SNS e estaríamos hoje perante dramas como aqueles que se vivem noutros países, de economias de mercado livre e pouca regulação, de puro capitalismo, onde a falta de um serviço nacional de saúde público, geral e universal está a deixar as pessoas mais pobres à mercê da doença e da morte por não poderem pagar os cuidados de saúde.

Um SNS que valoriza a vida de cada um de nós e por ela luta. Encontramos, no oposto, totalmente no oposto, o republicano, vice-governador do Texas, que há umas semanas afirmou, e cito: "Há coisas mais importantes do que viver". (Quantas vidas são necessárias para se ter uma torre dourada?)

Importa reconhecer e valorizar o trabalho dos médicos, dos enfermeiros, dos técnicos e dos auxiliares da Unidade Local de Saúde do Norte Alentejano.

O Sistema Educativo, um espaço de crescimento e aprendizagem onde se devem criar condições de acesso universal e democrático a todas as crianças e jovens. Um espaço de felicidade e construção de sonhos. Um espaço de desenvolvimento profissional e valorização de todos os seus intervenientes.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

A educação democrática e pela cidadania com o justo reconhecimento pelo esforço dos professores, dos auxiliares técnicos e administrativos das nossas escolas. De toda a comunidade educativa.

O Estado Social, e citando a Comissão Promotora das Comemorações Populares do 25 de Abril:

“ (...) que impeça as múltiplas discriminações e injustiças sociais, ainda existentes, e que a pobreza, a desigualdade de género, a xenofobia e o racismo têm de ser combatidos e expurgados da nossa sociedade. Na estabilidade laboral, no reforço dos serviços públicos, na garantia do direito à educação e à saúde, na garantia do acesso à fruição e criação cultural, nos direitos das famílias.”

A cultura, a sua valorização como parte do quotidiano das pessoas, essencial à qualidade de vida e ao desenvolvimento das sociedades. Não precisamos de viajar muito para a esquerda, no convencionalizado espectro político, para lembrar a muito conhecida afirmação de Churchill, “para quê ganhar uma guerra se não há cultura”. (uma tradução livre).

É importante, neste momento, para cumprir abril na cultura, um apoio social de emergência para a cultura, um fundo para apoios diretos, de natureza social e sem a exigência de qualquer contrapartida de um futuro evento presencial ou “online” para os trabalhadores das artes e da cultura, que ficaram numa situação profundamente fragilizada.

Também Portalegre, a cidade e o concelho, este território, poderá ser herdeiro digno de uma das heranças mais importantes de abril: o Poder Local Democrático.

Uma estratégia de desenvolvimento participado e sustentado para a melhoria de vida dos portalegrenses.

Para o desenvolvimento da cidade e do concelho, e de uma forma muito breve, será importante a fixação e cativação de empresas, criação de emprego, apoio ao comércio e serviços.

Na melhoria das acessibilidades e das vias de comunicação. Nas condições de habitabilidade, na recuperação das áreas históricas da cidade, demograficamente envelhecidas.

Atenta e participativa nas questões da saúde, da educação, da cultura e dos apoios sociais.

Organizar e preservar os espaços públicos, modernizar a rede de transportes urbanos. Melhorar a relação entre a cidade e a serra, num diálogo de complementaridade e interdependência.

Terminaria a minha intervenção. Mas antes, permitam-me partilhar com todos uma preocupação que me inquieta e, penso, nos deve inquietar:

Recorrendo ao poeta e escritor David Mourão-Ferreira:

“E por vezes as noites duram meses

E por vezes os meses oceanos

E por vezes os braços que apertamos

Nunca mais são os mesmos (...)”



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

O medo e a ausência da participação dos cidadãos contribuem para um determinismo social e económico que tenta, hoje à boleia de um vírus, ressuscitar fórmulas de condicionamento democrático, de austeridade e perda de direitos, suportada em comunicações e textos que inundam as redes sociais, de comentadores “esclarecidos” que pensam por si e, julgam poder pensar pelos outros, alinhando um pensamento para uma solução única que, historicamente se comprovou, muito recentemente, errada e que a memória não deve atraiçoar. Como disse Natália Correia (e sempre me recorda minha mãe):

“A memória é um acto eminentemente revolucionário”.

Na democracia é preciso ter memória para ter capacidade de reinventar, pensar e agir, tecer o futuro.

O direito a ter voz, a participar e a ser cidadão interventivo. É um direito que abril abriu e que não podemos abdicar.

É preciso que os direitos e os poderes conquistados se concretizem todos os dias e se ganhem novos futuros.

Viva o 25 de abril, sempre!”

No uso da palavra, Ricardo Romão, em representação da Coligação Livre e Independente por Portalegre (CLIP), proferiu a seguinte intervenção:

“Atravessamos um período particular. Excepcional. Por isso, muitos daqueles que gostaríamos de ver nesta cerimónia não podem estar fisicamente presentes, como em anos anteriores. Por isso nos limitamos a esta singela, mas esperamos que simbólica, evocação do 25 de abril de 1974.

Dizemos: presente!

É esse o nosso compromisso como representantes dos que nos elegeram!

Muitos dos estimados membros da AM que aqui discursam hoje não eram nascidos no 25 de abril de 1974, como já havíamos comentado em anos anteriores. Afinal, passaram já 46 anos. Muitos dos que nos acompanham não sentiram na pele o 25 de abril. Aprenderam-no pela História, pelos testemunhos, pelos ensinamentos políticos. E tal é muito relevante e deverá sempre ser perpetuado e evocado.

Teremos, no entanto, de nos situar. Estamos em 2020 e alguns vivem ainda numa certa ilusão diária de ter que fazer uma Revolução. Parece que vivem por isso e para isso. Talvez nada mais lhes reste senão lutar contra qualquer sistema, opinião ou decisão, esteja ela mais à direita, mais ao centro, ou mais à esquerda, o que interessa é estar desalinhado. O que importa é sempre a Revolução. Uma Revolução que, oxalá, nunca mais seja necessária!

Portugal, há muito que devia ter estabilizado a verdadeira liberdade democrática. Já era altura de atingir a almejada maturidade e autonomia, seguindo em frente. Persistindo sistematicamente em laivos de medo de ditaduras ou regimes do passado, arriscamo-nos a ser demasiado orientados pelo passado, ao invés de nos focarmos no futuro.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

Nós, que nos assumimos como um movimento de cidadãos LIVRES E INDEPENDENTES, queremos, precisamente, assumir em pleno a Liberdade. Que nos foi concedida a 25 de abril de 1974 e que não nos faz ter qualquer medo ou problema mal resolvido com o passado. Esperamos ser esse o desígnio do presente e do nosso futuro político. Avançar. Orgulhosos e cientes do passado, mas sobretudo focados no futuro.

Que fique claro: ninguém é ou pode ser “dono” do 25 de abril. Porque a Democracia em Portugal nasceu, precisamente, da pluralidade que formou a primeira Assembleia Constituinte, em 1975.

Enquanto houver partidos, figuras ou fações políticas que intentem apropriar-se desta efeméride, não existirá verdadeira Democracia, porque criará cisão entre os portugueses. E dará, cada vez mais, palco aqueles que deveriam ser resignados à nossa indiferença, sob pena da invocação de saudosismos nefastos que nos podem ameaçar.

Populismo com populismo se paga, se é que isto possa ser entendido de forma simples!

Não, não é essencial que os portugueses sejam “vacinação” anualmente pelas cerimónias evocativas do 25 de abril, particularmente em períodos excecionais, por muito importante que seja a data para todos nós. Não é isso o mais importante! Importante é, antes, viver diariamente o que foi conquistado e impedir retrocessos. Há que conseguir discursos mais progressistas e menos saudosistas, como todos os anos ocorrem!

Nós [CLIP], que somos sistematicamente apelidados de estarmos à margem dos partidos, talvez sejamos, afinal, dos mais equidistantes de um “jogo” político totalmente improdutivo e teremos já assumido a normalidade democrática, que nos deve ser familiar. Não temos obrigações de agenda do politicamente correto ou de olhar para obrigações doutrinárias típicas desta ou de outras datas.

Num período em que vivemos uma situação planetária excecional, com que não nos confrontávamos talvez há um século, estas questões são ainda mais relevantes. É necessário, sobretudo, manter a unidade nacional, europeia e mundial, pois só ela nos permitirá sobreviver a uma eventual catástrofe sanitária, social e económica de consequências imprevisíveis.

Os eleitos da CLIP têm atuado responsabilmente perante uma situação inesperada e de exceção. Marcando a sua presença, a sua solidariedade e a sua determinação na proteção das populações. Tem sido assim na implementação de medidas de proteção, sem descurar a manutenção de serviços essenciais; tem sido assim na tomada de posições públicas, como foram a intenção de restrição de movimentos transfronteiriços de proteção com os nossos amigos da Extremadura, na coordenação com as entidades de saúde, de segurança e proteção civil; é assim no apoio social a instituições do Concelho que ajudam a comunidade. Mas, ainda assim, assistimos aos mesmos do costume, a criticar o esforço, a reivindicar o impensável, a prometer o impossível. Oportunismo, assim se chama. Tranquilamente não reagimos e não reagiremos. Fazemos o nosso caminho e manteremos a nossa postura solidária com



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

todos, sem exceção. Agradecendo aos muitos que nos têm apoiado de forma solidária. A nossa prioridade é a defesa das nossas populações e a prossecução das tarefas que têm necessariamente que continuar.

Apoiamos também o Estado e os decisores no momento difícil que atravessamos e que temos que ultrapassar. É essa a nossa obrigação política e moral. Pois só juntos conseguiremos ser mais fortes. É esta a mensagem essencial do estado democrático participativo e plural: **SOLIDARIEDADA DEMOCRÁTICA.**

É em momentos difíceis que devemos ter a força e a coragem de nos reerguer.

Pensem no esforço feito pelos portugueses.

Pensem no esforço feito pelos que sustentam as nossas necessidades e serviços básicos, também conquistas da Liberdade e da Democracia: o Serviço Nacional de Saúde, o Sistema Educativo, os serviços públicos essenciais, os serviços privados essenciais, a cadeia produtiva e de alimentação, entre tantos outros que poderíamos enumerar. Pensem nas oportunidades e nas lições que podemos tirar de tudo isto para sermos melhores. Sendo, sobretudo, humildes.

Num momento tão nefasto e ameaçador, aproveitemos o que conseguirmos de positivo, perpetuando-o para o futuro: a possibilidade de viver com menos, a solidariedade comunitária e entre povos e etnias, o respeito por diferenças ideológicas, a oportunidade de olhar de outra forma para o interior do país, as possibilidades do teletrabalho e recurso a novas tecnologias, a redução do consumo de combustíveis, a redução da poluição e a promoção de práticas ecológicas, os circuitos comerciais de proximidade, entre tantas outras coisas.

Reinventando-nos!

Adaptando-nos!

Assumindo-o como uma questão de sobrevivência futura!

Devemos aceitar a condição da Humanidade no Planeta e a grande responsabilidade que nos é devida. Só assim será possível subir mais um degrau na minúscula presença Humana na Terra. Terá que ser este o grande ensinamento. Agradecendo, a cada dia, a vida e o muito que já conquistámos. Sem amargura e sobretudo com gratidão.

Nós estamos gratos!

Foi tudo isto que o 25 de abril de 1974 nos trouxe e nos ensinou. Felizmente!

Com todos e por todos.

Viva a Liberdade, viva a Democracia plural.”

No uso da palavra, José Pinto Leite, em representação do Partido Socialista (PS), proferiu a seguinte intervenção:

“Permita-me que nesta comemoração especial, realizada em condições excepcionais, me dirija não só a esta Assembleia, mas também e especialmente ao povo que nos acompanha a partir de casa.

Caras e caros Portalegrenses

Em nome da bancada do PS da Assembleia Municipal, nestes tempos muito difíceis,



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

venho deixar-vos um testemunho sobre o momento mais alto da nossa história recente – o 25 de abril e o que ele significa como esperança para ultrapassarmos, coletivamente, esta grande adversidade.

Quero antes de mais cumprimentar e felicitar o nosso Presidente da Assembleia Municipal e a Senhora Presidente da Câmara por terem encontrado uma solução digna e equilibrada para festejar este dia nestas circunstâncias.

Cumprimento também os restantes eleitos locais: vereadores, colegas membros da Assembleia e Presidentes de Junta de Freguesia, que no seu conjunto representam democraticamente todos os Portalegrenses.

Cumprimento as autoridades militares, civis e religiosas que, nestes tempos de crise, são chamados a apoiar e regular toda a atividade dos cidadãos, especialmente dos mais vulneráveis, o que têm feito de modo exemplar! Cumprimento também a comunicação social, peça fundamental da democracia com a missão de informar, filtrando e desmontando a falsa informação, que tanto desestabiliza os cidadãos nestas alturas de medo.

Estas palavras são antes de mais para o povo de Portalegre, a quem saúdo, mas permitam-me destacar os nossos anjos da guarda, os profissionais de saúde, em cujas mãos depositamos a nossa vida, os mais sacrificados e os melhores de nós todos nesta pandemia. Bem hajam.

E agora, a festa do dia! O 25 de abril. A festa do povo, porque é sempre ele o grande herói. Pena de não podermos estar juntos fisicamente, representantes e representados, cravos na lapela, para mantermos viva a herança do 25 de abril. Mas a tecnologia que desenvolvemos desde então permite-nos hoje esta partilha que sendo virtual, também aquece. Também isto é herança de abril. Felizmente estes 46 anos de liberdade e democracia, agora robusta, permitiram este milagre de em menos de meio século termos feito o mesmo que as grandes democracias europeias demoraram século e meio. E estamos no mesmo patamar de teletrabalho, tele ensino, serviço nacional de saúde e tantos outros indicadores, em alguns casos até melhor.

Estas palavras e constatações são conhecidas dos mais velhos, como eu, cada um com a sua vivência própria e memória da mesma, que às vezes é curta e atraíçoa... Até há quem, poucos é certo, neguem toda a evidência e nunca tenham tido grande vontade de festejar, aproveitando todas as desculpas, ou tentando equiparar outros momentos também muito importantes da nossa história, aquele que é o momento fundador da nossa tardia democracia - o 25 de abril.

Por isso não falo tanto para os mais velhos, cada um fica com a sua! Mas mais para aqueles que só leram e ouviram versões da história.

Como dizia, o desenvolvimento económico e social foi impressionante nestes 46 anos de liberdade e combate às desigualdades, tendo por expoente máximo o nosso exemplar serviço nacional de saúde, um dos tais milagres português de que se fala, tendo chegado a ser o 12.º melhor do mundo, num país pobre, que não aparece acima do 34.º lugar na maioria dos rankings. Já na liberdade de expressão e imprensa livre estamos ainda melhor, 10.º lugar do mundo! Isto é caminhar para a igualdade, tal como a igualdade de oportunidades no ensino e noutras áreas. Sim jovens, podem



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

dar-vos muitos argumentos. Que há outros modelos, seja o capitalismo selvagem, que já muito nos fez sofrer neste século, seja o capitalismo de estado, que muitos se aprestam a querer como remédio para a calamidade que vivemos. Ou outros sistemas não capitalistas, que muitos, bem intencionados, pretendem ensaiar, e que nunca provou.

A verdade é que a social democracia ou socialismo democrático, que formatou a Europa no pós guerra, tem sido o sistema mais pacífico, porque justo e igualitário. A criação de riqueza, é muito importante, mas só trás paz, se for bem distribuída e houver liberdade. Podem olhar para o mundo. Por exemplo o milagre Chinês. É isso que queremos? Capitalismo de Estado com partido único, com grandes níveis de crescimento e tecnologia de ponta em que os cidadãos são meros peões com passos controlados e vida exposta? Ou a nova América em que a vida é menos importante que a bolsa? Para não falar em alguns países da Europa que vão por mau caminho. Tudo junto sabemos onde leva – desigualdade ou mesmo guerra.

O 25 de abril permitiu o desenvolvimento de uma social democracia que, apesar de algumas tentativas de desvio, teve um toque muito português, equilibrado e elogiado a espaços internacionalmente, como nestes últimos anos.

Claro que muito há ainda a fazer. O estado ainda muito centralizado em Lisboa, fruto de heranças de séculos agudizadas pelo Estado Novo, terá que continuar a descentralização. O poder local democrático, criado aceleradamente pelo 25 de abril, foi talvez, a par do SNS, a maior herança da revolução e prova que a governação de proximidade é mais justa e humana.

É certo que a corrupção é um mal a combater todos os dias, mas não se iludam, isso só é possível com democracia forte, em plena liberdade, com imprensa liberta de todos os espartilhos. É a verdadeira luta sem quartel.

Mais uma vez para os jovens que não sabem o que era a escuridão pré 1974. Acham que não havia corrupção? Havia e muita. Mas não era conhecida, não era noticiada, havia censura e impunidade total para alguns e ação apenas dirigida para outros. E não se falava dela porque havia medo. Sabem como se faz na China não sabem? Pois. Felizmente em grande parte da União Europeia fala-se de corrupção. A comunicação social escrutina e a justiça independente ataca. Só vos desejo, a vós jovens, que não deixem de ouvir falar em corrupção. Seria sinal que teria voltado o medo e a falta de liberdade. E o seu combate demora tempo, porque é preciso mudar mentalidades.

Aqui o meio século ainda não chegou para apanhar uma Europa com o tal século e meio de avanço, mas que ainda não erradicou a corrupção. É uma daquelas coisas intrínsecas à humanidade com que se aprende a conviver e controlar, como o vírus. Mas a democracia controla, os outros regimes não.

Se falo tanto da democracia e liberdade é porque os tempos que correm a podem por em perigo em muitas partes do mundo, que não ainda em Portugal, mas temos que fazer a nossa parte para que assim continue, mantendo bem alta a grande herança de abril.

Mas este caminho fez-se com pessoas concretas que deram o melhor de si. Podia



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

aqui evocar muitas merecedoras de toda a gratidão dos Portalegrenses mas permitam-me que faça uma homenagem a dois eleitos locais que muito se destacaram nesta Assembleia e que nos deixaram nesta triste época sem que os pudéssemos acompanhar como mereciam: O Carlos Alberto Vintém, o Cabé, nosso companheiro de trabalhos mais de 20 anos a representar Portalegre na Assembleia Municipal pelo Partido Socialista. E Miranda Calha, o nosso eterno deputado, fundador do PS e da própria democracia em Portalegre, Governador Civil, Presidente da Assembleia Municipal, deputado da constituinte e muitas legislaturas. Membro de vários governos. Fez obra no país, designadamente no desporto e defesa, mas sempre preocupado com Portalegre onde, foi responsável pelas principais iniciativas, lembrando a título de exemplo a OID do Norte Alentejano, a escola da GNR, o IPP e a Baja, para além obviamente obras de desporto e outras na cidade. Deixa uma marca indelével que saberemos com certeza reconhecer em breve, perpetuando a sua memória na cidade. Terminando desejando a todos a comemoração possível, desejando que para o ano possamos vivenciar aqui e na rua o 25 de abril em plena normalidade e já em recuperação económica, mantendo os valores de abril.

Viva o 25 de abril

Viva Portalegre“

No uso da palavra, Adelaide Teixeira, presidente da Câmara Municipal de Portalegre, proferiu a seguinte intervenção:

“Comemoramos o aniversário do 25 de Abril de 74 em circunstâncias de exceção.

Em 46 anos, é a primeira vez que evocamos a Liberdade em confinamento.

Nesta hora em que celebramos as conquistas de Abril relembramos todos aqueles que lutaram pela democracia no nosso País. Honramos também a nossa memória coletiva e a afirmação dos direitos civis e políticos num Portugal que se quer mais justo e eficiente.

O caminho para 2020 foi árduo e sofrido.

Aqui chegados é como se o mundo tal como sempre o conhecemos tivesse implodido! Vivemos um tempo excecional em que, a certas horas, o vazio e o silêncio das ruas são como um grito que ecoa profundamente nos nossos pensamentos. Confrontados com este silêncio, que é uma novidade nos nossos hábitos, amplia-se a capacidade de escutar, mas também crescem algumas dúvidas relativamente ao futuro, perante esta nova realidade que ainda é desconhecida para todos nós.

Talvez por isso este Dia da Liberdade seja vivida com um sentido de responsabilidade acrescido, que obriga a uma reflexão profunda sobre o futuro que queremos construir no pós-COVID.

Hoje, lutamos pelas nossas vidas e pelas das outras pessoas ficando em casa e vivemos em confinamento para que o vírus não se espalhe como fogo em estopa.

Hoje, experimentamos restrições sem precedentes ao modo de vida que conhecíamos e que, só com o esforço de todos, veremos levantadas de forma gradual e



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

progressiva, assim que a pandemia der sinais de abrandamento, permitindo a tão necessária retoma da economia, da produção, dos serviços e da vida em geral.

Que ninguém se iluda: ainda teremos de conviver com este vírus por bastante tempo.

Teremos de continuar a ser corajosos para defender a vida e não deixar que os constrangimentos impostos pela COVID possam fechar “As Portas que Abril Abriu”, como dizia Ary dos Santos no poema.

Teremos de aprender novas rotinas, que nos permitam viver e trabalhar em segurança, para podermos ganhar tempo e evitar retrocessos indesejados.

Confrontados com a privação do convívio social e familiar, crescemos como comunidade no espírito de sacrifício e na união em torno de uma causa comum: a proteção e a defesa intransigente dos nossos!

Criaram-se sinergias. Nasceram parcerias improváveis. A solidariedade multiplicou-se em atos de generosidade vindos de todos os sectores. O sentimento de pertença cresceu como não havia memória.

Estas conquistas são valiosas e não se podem perder!

Precisamos de continuar a dar o nosso melhor na salvaguarda de todos e na construção de uma sociedade mais justa.

Precisamos da participação de todos para celebrar Abril todos os dias com espírito de solidariedade e fraternidade, recordando os valores da democracia que com certeza se irão redefinir e reinventar, num processo de adaptação e melhoria contínua.

Em tempos tão conturbados, em que nos sentimos postos à prova, não podemos esquecer aqueles que se encontram numa situação de maior vulnerabilidade por estarem sozinhos, doentes ou verem os seus postos de trabalho suspensos: os trabalhadores independentes, as empresas e pequenos negócios, o comércio, a restauração, os serviços, a agricultura, ... por isso quero salientar que os nossos esforços estão concentrados em arranjar respostas consequentes para estas pessoas. Consideramos também ser da mais elementar justiça dirigir uma palavra de profundo agradecimento e muita força aos trabalhadores e voluntários de todas as áreas que estão na primeira linha e têm feito um trabalho extraordinário a cuidar de todos nós e a manter este país a funcionar.

Permitam-me ainda salientar o trabalho dos profissionais do Serviço Nacional de Saúde para debelar esta doença que tanto nos atemoriza. Temos assistido sensibilizados a uma mobilização que revela uma enorme capacidade de abnegação, trabalho e sacrifício numa luta inglória, feita tantas vezes com esforço e empenho pessoal.

Quase a terminar, queria dirigir umas palavras à população de Portalegre. OBRIGADA pela vossa compreensão e colaboração desde a primeira hora. O comportamento e atitude exemplar da nossa comunidade é para nós motivo de grande orgulho, tendo inclusivamente sido referido em conversa com o Presidente da República.

Para podermos sair fortalecidos deste momento tão exigente temos de continuar unidos, a respeitar as recomendações das autoridades de saúde e a fazer tudo o que está ao nosso alcance para proteger Portalegre e tentar evitar a propagação desta pandemia!



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

A vontade de querer ajudar tem de prevalecer porque só assim nos tornamos mais fortes e mais capazes.

Neste 25 de Abril de 2020, esperamos que as nossas palavras, o nosso trabalho e o nosso exemplo possam encher os corações e as ruas vazias de Esperança e que, mesmo em confinamento, nunca deixemos de acreditar e festejar a Liberdade.

Viva o 25 de Abril

Viva Portalegre

Viva Portugal”

No uso da palavra, Luís Testa, presidente da Assembleia Municipal de Portalegre, proferiu a seguinte intervenção:

“Se há herança que Portugal ganhou com a liberdade de Abril, se há herança que dignifica a proximidade do poder político a cada um dos cidadãos, é a herança que nos foi dada pelo poder local democrático, mas, sobretudo, pela figura da freguesia, institucionalizada e democratizada.

É fácil fazer política quando não se houve todos os dias.

É fácil fazer política quando não se tem que responder, todos os dias.

Os presidentes de juntas, os eleitos nas freguesias, ouvem todos os dias e têm de responder, todos os dias.

Porque este é o grande significado da democracia: saber ouvir e ter consciência de que é imperativo responder.

A responsabilidade política é isto: é termos noção das dificuldades, das ambições e arranjar resposta para essas dificuldades e para as ambições.

Há uns anos, falava na cerimónia do 25 de Abril, em Portalegre, e dizia: “Foi o dia mais importante da minha vida”. Houve logo quem, não sabendo interpretar a linguagem e a liberdade poética, se apressou a criticar, dizendo: “Como era possível, se não nasceu antes do 25 de Abril? Pois bem, é por isso mesmo! Porque nós só somos aquilo que somos porque houve 25 de Abril de 1974! E mesmo que eu não o tenha vivido, presencialmente, só esse dia permitiu que fosse aquilo que sou e que nós fossemos aquilo que somos.

Aos portalegrenses que estão em casa, a todos de uma forma em geral e particularmente a cada um de vós, sentimos saudades do abraço, do sentimento genuíno com que nós nos tratamos nesta cidade e neste concelho. Temos saudades do convívio, da entajada e da partilha física dos espaços. Sentimos saudades da vida!

Na verdade, sentir saudades da vida só é importante porque isso nos vai permitir ter vida a seguir.

Há uma palavra que deixo a todos vós: é preciso ter também confiança nas instituições, na cidade, no concelho e no país. É preciso ter confiança nas pessoas, nos profissionais, porque o país não pode parar, apesar de haver uma pandemia. É por isso que, todos os dias, profissionais de todas as áreas, continuam a trabalhar, de



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

forma férrea, para que o país não pare. É por isso que aqui, e no país, se continua a lutar para que possamos cumprir Abril.

Na verdade, quando somos assolados por uma pandemia deste género, não há uma resposta evidente, não há uma receita curadora, nem determinante. Aquilo que há é a vontade de um povo, que tantas vezes se ergueu contra tudo e contra todos, para poder vencer. E, mais uma vez, o vamos voltar a fazer!

Quando digo que é preciso ter confiança nas instituições, temos hoje a prova que, também aqui, existem grandes instituições. Apesar das críticas, que muitas vezes são justas, apesar dos lamentos que muitas vezes também são justos, quando é preciso as instituições respondem. Veja-se na escola pública, quando é necessário assegurar a continuidade da educação de todos os que dela usufruem. Veja-se naqueles que veneficiam, diretamente, dos serviços da administração central ou do poder local, quando é preciso continuar a beneficiar dos mesmos, porque são o garante da qualidade de vida de todos, os serviços dizem: Presente!

E, veja-se bem, quando está a ser necessário a saúde pública dar uma resposta evidente contra aquilo que nos ataca e que todos desconhecemos, aquilo que tem dito a saúde pública, tem sido: Presente!

Na verdade, só há uma coisa que nos pode guiar: desde abril para o futuro e que é a confiança em nós próprios, a confiança no nosso concelho e a confiança no nosso país.

Por isso, vamos buscar forças lá atrás, a abril de 1974. São essas forças que nos guiam para o futuro e que vão fazer de nós um país melhor do que somos.

Viva Portalegre

Viva Portugal

25 de Abril sempre!"

ENCERRAMENTO:

=====

Não havendo mais assuntos a tratar, foi pelo presidente da Assembleia Municipal, encerrada a sessão solene, eram 18H00, do dia 25 de abril, do ano de 2020 e da qual foi lavrada a presente ata, que será devidamente assinada, nos termos da lei.-----